



SER LAMOSA

AGOSTO
2026



EDITORIAL

Esta singela publicação, “SER LAMOSA”, pretende ser um espaço de partilha cultural, mas igualmente de ligação entre a grande família de Lamosa. Antes de mais, uma ligação entre residentes e a diáspora. Votada ao esquecimento dos poderes públicos e sustentada numa agricultura de subsistência, Lamosa sempre foi terra de emigrantes. Neste número, temos mais um testemunho de emigração para longes terras – o Brasil. Com efeito, até meados do século passado, era o Brasil o principal destino. No pós-guerra, com uma Europa devastada pela guerra, as democracias europeias apostadas no seu desenvolvimento económico e social, enquanto Portugal continuava parado no tempo, passaram a ser as novas terras de promessa. A isso se juntou Lisboa como grande polo de atração. E já não era a emigração ocasional como acontecia com o Brasil, mas uma migração em massa, levando família após família. Assim, por volta 1950, a aldeia tinha mais de 5 centenas de habitantes, 50 anos depois só já contabilizava um terço de residentes. Ou seja, em meio século 2 em cada 3 residentes haviam abandonado Lamosa.

No passado, o migrante tinha de enfrentar o desconhecido (geografia, cultura, língua), condições adversas de vivência, exploração no trabalho, saudades... Hoje, para além de tudo isso, confronta-se com incompreensão, insulto, rejeição... Ainda muito recentemente uma imigrante portuguesa, condutora de autocarro no Luxemburgo, foi publicamente vexada. O seu único crime é ser portuguesa e imigrante, de resto, como todos os imigrantes, está ali para oferecer trabalho e produzir riqueza. E logo no Luxemburgo que tem dos maiores rendimentos per capita do mundo graças às empresas dos países vizinhos aí sediadas e aos imigrantes que produzem metade da riqueza do pequeno país. Sem os de fora, o Luxemburgo era um diminuto e pobre país sem recursos.

Com efeito, no presente, as democracias defrontam-se com pregadores do ódio, da intolerância, do confronto social que sacrificam os mais nobres valores humanos à sua ambição pessoal, fazendo apelo às mais primitivas paixões humanas do medo, da inveja e da tribal rejeição do outro e do diferente.

Desde há 2000 anos que o Ocidente tem uma das propostas ideológicas mais avançadas de humanismo, de fraternidade universal, de solidariedade social. Nem sempre lhe foi fiel, antes a atraíu gravemente ao longo da História. Todavia é essa a nossa matriz. E quando julgávamos que a humanidade havia atingido um estado civilizacional em que esses valores começavam a conquistar a primazia, e reinaria a fraternidade entre as pessoas e a paz entre os povos, eis-nos de volta a tempos de barbárie, de egoísmo e intolerância no coração das pessoas e entre as nações do mundo.

Pina da Costa

NESTE NÚMERO

Editorial

Receita de Bola de Carne

Mensagem do Presidente da Junta de Freguesia de Lamosa

Bem-estar na Terceira Idade

O Avô (conto)

Liberdade de Expressão em Portugal

Meninos Sonhadores (poema)

O Novo Mundo de António

A União faz a Força

NOTA: Os artigos assinados são da responsabilidade dos autores.

Receita de Bola de Carne

Ingredientes:

1 caneca de ovos,
1/2 caneca de azeite,
1/2 caneca de leite,
3,5 canecas de farinha com
fermento.
Carnes variadas: entremeada,
chouriça ou salpicão,
farinheira (pouca), etc..

Preparação:

Batem-se os ovos muito bem batidos, junta-se o azeite aos poucos e sempre a mexer; por fim o leite. (Azeite e leite mornos)

A seguir envolve-se a farinha até estar bem incorporada. Deixar fermentar. Divide-se a massa em duas partes (uma maior), unta-se uma forma com manteiga e põe-se a porção maior a cobrir o fundo e bordos da forma. Espalham-se por cima as carnes frias. Cobrir, depois, com a restante massa, selando o recheio. Vai ao forno a 180°.

Experimentar a cozedura ao fim de uma hora.

PODER LOCAL

Caro Lamosense

É com profunda humildade que escrevo estas duas palavras a todos os Lamosenses.

Estas palavras são de esperança, de coragem, de afirmação e de orgulho pela nossa terra e por tudo aquilo que ela significa para nós.

Estamos numa época do ano onde a reunião, a amizade, o convívio une todos e nos relembra de tudo o que melhor o ser humano tem. Manter e intensificar este espírito é a obrigação de todos e em especial da Junta de Freguesia e por isso ela está e estará, como sempre esteve, na linha da frente dessa missão.

Passamos por tempos difíceis nestes últimos anos e em particular no verão do ano passado e tal como disse, é passado. É tempo de olhar para a frente, construir, reconstruir, e mais do que nunca, unidos, com orgulho e bairrismo e em solidariedade erguer ainda mais alto a nossa aldeia.

Vivemos tempos difíceis, de grande exigência, onde os recursos não são infinitos e por isso onde temos de estabelecer prioridades face aos compromissos assumidos. Nesse sentido, o trabalho da junta de freguesia tem sido o de minimizar e repor a normalidade dentro do que é possível e no tempo possível e a par disso, dar continuidade ao trabalho, aos investimentos que estavam programados e cumprir tudo o que ainda tem de ser feito.

Os incêndios do último ano deixaram feridas profundas em grande parte da nossa aldeia. Grandes áreas ardidas, muitos hectares de floresta queimada naquela que é uma das nossas maiores riquezas e muitas infraestruturas danificadas. Aos poucos, com a ajuda de todos vai-se repondo a normalidade virando a página e dando um novo passo.

Que a união fortaleça laços, a solidariedade inspire gestos sinceros, a esperança renove sonhos, a tenacidade supere desafios e a amizade permaneça como a base do que define Lamosa permitindo que todos juntos sejamos felizes.

Conto com todos!

Um bem-haja meus amigos.

Paulo Albino (Presidente da Junta de Freguesia)





Bem-estar na terceira idade

Ninguém é definido pelo seu bilhete de identidade. O conceito de ser idoso não significa, necessariamente, estar velho ou fora de prazo. A idade não deve ser encarada como uma recordação do passado, mas sim como uma passagem para o futuro, pois haverá sempre quem queira acompanhar essa caminhada.

Na juventude, a rapidez e o risco são, muitas vezes, prioridades. Com o avançar da idade, esses valores dão lugar à harmonia, ao conhecimento, ao bem-estar e à paz. Envelhecer é acumular experiências, fortalecer a sabedoria e aprender a apreciar o que realmente importa.

Quanto mais se envelhece, maior é a necessidade de permanecer ativo, tanto física como mentalmente. Para isso, é fundamental manter os laços afetivos com a família, acompanhando o amadurecimento dos filhos e desfrutando do crescimento dos netos. A energia, a espontaneidade e a alegria das crianças e dos jovens são verdadeiramente contagiantes e renovam o espírito.

É igualmente importante preservar uma relação próxima com os amigos, sejam aqueles que acompanham toda uma vida ou os que surgiram mais recentemente. Partilhar momentos, planejar atividades em conjunto, celebrar as alegrias e apoiar-se mutuamente nas dificuldades contribui para uma vida mais plena e feliz.

A prática regular de atividade física, sempre adaptada às capacidades de cada pessoa, deve ser incentivada, assim como o cultivo de pensamentos positivos. Cuidar do corpo e da mente é essencial para viver com qualidade.

Cada novo dia deve ser recebido como uma dádiva. Acolhê-lo com um sorriso é uma forma de agradecer a oportunidade de continuar a viver, aprender e partilhar. Afinal, sorrir e fazer sorrir melhora sempre a vida de alguém e torna o caminho da idade mais leve, mais sereno e mais feliz.

Elvira Dias Rebelo Manarte – Médica

NARRATIVAS: O AVÔ (conto)

Aconteceu reparar naquele velho trôpego. Ou talvez fosse o ruidoso chilrear das duas crianças que me fez reparar naquele trio. A regularidade e pontualidade ao longo da semana foi segundo reparo. Eu consultava o relógio: sempre um pouco antes das nove horas, mais minuto menos minuto.

Quando dei por mim estava a sincronizar o intervalo do pequeno-almoço com aquele pardalar de gritinhos e risinhos. Levantava-me da mesa de trabalho e espreitava pela janela. E dois pisos abaixo, na rua, logo via aqueles tufos de cabelo branco em torno do qual gravitavam duas cabecitas de criança.

O velho parecia concentrar-se no seu caminhar lento com passos miúdos, apoiado numa velha bengala. O já de si incerto andar, oscilava um pouco mais ao sabor da irregularidade da calçada ou dos ligeiros encontrões que ia recebendo das crianças.

Estas, dois meninos, mantinham irrequieto, ainda assim ordeiro, orbitar em torno do avô. Chegado à passeadeira da movimentada rua, paravam e, cada um de seu lado, aguardavam o sinal verde. A criança mais nova perfilava-se do lado direito para dar a mão ao avô, o mais velho filava-se à aba do casaco.

O sinal verde chegava e o avô esporeava a sua lentidão na tentativa de atravessar os 12 metros de asfalto nos avaros oito segundos que os semáforos lhe concediam. Oito segundos..., eis uma bela ilustração do despeitado estatuto que o pedestre tem na capital na nação!

Claro, invariavelmente, esse intervalo mostrava-se curto e deixava o trio a pouco mais do meio do caminho. Os condutores locais - sempre com amarelo intermitente pois nada pode deter a premência do automóvel - esperavam compreensivos que os passantes chegassem à segurança do passeio. Porém, logo atrás, buzínadelas impacientes admoestavam para a rubra interdição aos peões e protestavam a demora. Os carros forasteiros, ignorando o risível intervalo dado ao peão, avançavam ameaçadoramente para vincar a pressa e a lei, arrancando ao avô palavras de protesto que o ruído da rua silenciava ou, perante avanços mais afoitos, levantava a bengala como se ela quisesse deter o apressado automóvel.

Entregava a criança mais nova aos cuidados do Jardim de Infância no outro lado da rua e seguia mais duzentos metros para deixar o neto mais velho na escola do primeiro ciclo.

Meia dúzia de minutos..., e lá enxergava de regresso no seu lento e penoso progredir para se sentar no banco junto ao prédio onde resido, na magra sombra de um velho *Prunus* ornamental. Afora os dias de chuva, o banco parecia impor-se como estação obrigatória tanto pela manhã como pela tarde. Pela manhã, após a missão cumprida, pela tarde, retomando alento para o encargo de reaver os netos. Não tardava, porém, por aí a demora, em pose pensativa, olhando distraidamente o movimento da rua. Sempre a mesma regularidade, a mesma pontualidade, e os mesmos hábitos, sempre cabisbaixo respeitando a curvatura que a esclerosada coluna lhe impunha.

Certa vez, a meio da tarde, ouço um burburinho na rua. Liberto os olhos do livro e espreito pela janela. O avô estava caído no passeio e um casal de meia-idade à volta dele. Transeuntes abrandavam o passo, miravam a cena, mas seguiam o seu caminho. Desço apressado e encontro-o já sentado, apoiado pela senhora acorçada ao lado dele. Pergunto se já chamaram ambulância. Ao ouvir a palavra ambulância olha-me com olhar suplicante e balbucia “ambulância não”.

“Pois, não quer que se chame ninguém”, confirma a senhora.

Entretanto, chega o marido da samaritana com pequena garrafa de água que fora comprar no café ao virar da esquina.

Levamos o avô até ao seu habitual banco de descanso, a menos de 10 metros de distância.

Disse ao solícito casal que podiam seguir caminho. Era meu conhecido, tomaria conta da situação,



que me deixassem a água. Esperava convencê-lo a chamarmos uma ambulância ou alguém de família. Conhecia, porém, a razão da sua relutância. Já conversáramos diversas vezes sentados naquele banco, pois, não raro, descia ao vê-lo passar na sua função de acólito de netos e ali esperava o seu retorno.

A nora pretendia interná-lo num lar. O velho só lhe dava trabalho e queria colocar cada filho em seu quarto. Era a utilidade de tomar conta dos netos que dava argumento ao marido para manter o pai lá por casa. Ganhavam bem, mas tinham os dias demasiado ocupados.

De manhã era uma correria para vestir e dar o pequeno-almoço aos filhos, depois entregavam-nos a ele, ao avô. Apressadamente, despediam-se das crianças e a correr saíam de casa.

No fim do dia, chegavam tarde. Enquanto a nora preparava o jantar, o marido dava banho aos filhos e vestia-lhes o pijama. Depois jantavam e as crianças eram metidas na cama de beliche. O avô ainda lhes contava ou lia histórias antes de adormecerem.

Os netos, confidenciavam-me, precisavam dele, caso contrário não tinham ninguém a quem endereçar os seus porquês, a quem narrar as aventuras de cada dia, a quem contar as suas fantasias.

Ele também precisava deles, eram a única coisa que arredava a tristeza dos dias e o prendiam à vida. Sem eles nada mais fazia sentido. Não tive sucesso nas minhas pretensões de contactar o filho ou chamar o 112. A recusa era determinada, teimosa. O filho e a nora não podiam saber. Lá por casa, havia sempre o tema e a ameaça da casa de repouso...

Olhava nervosamente o relógio. Urgia buscar os netos... Estava bastante atrasado... Foi só uma ligeira fraqueza...

Quando se sentiu um pouco recuperado, levantou-se para seguir a caminhada. Temendo nova recaída, prontifiquei-me a acompanhá-lo na recolha dos netos e de volta a casa. A sua palidez não conferia confiança

bastante para o deixar sozinho. Insisti com o pretexto de que precisava de desentorpecer as pernas. Acabou por agradecer e aceitar...

...Até à porta do prédio. Não quis que entrasse. Alguma vizinha podia ver e contar à nora. Agora estava em casa...

Poucos dias depois, o estridente som de uma ambulância mesmo frente à minha janela fez-me bisbilhotar o exterior. Um pequeno grupo de pessoas parecia rodear alguém deitado no rampeado passadiço que dava acesso ao Infantário.

Desci apressado ao reconhecer a bengala caída no chão ao lado daquele cúmulo de gente. Quando cheguei, o meu amigo já estava imobilizado, com soro e a ser enfiado na ambulância.

Atentei nos dias seguintes. Já não era uma espera passiva pelo alegre bulício das crianças. Quando se aproximava aquele horário preciso a que o trio me habituara, olhava

ansiosamente pela janela ou, impaciente, descia até ao banco do *Prunus solitário*.

Nem netos nem avô. E os dias passavam. Sentia em mim um angustiante presságio.

Cerca de duas semanas depois, pareceu-me reconhecer as crianças, a sair de um automóvel conduzido por jovem mulher. O avistamento foi-se repetindo. E, mais umas semanas passadas, constato consternado que a função do avô era agora exercida por uma matrona de cor. Já não havia regularidade, e sempre em atraso.

A lua percorreu todos os seus quadrantes até me atrever a interceder os meninos, no seu regresso a casa após a escola. Aproveitando um ligeiro retardo da acompanhante, perguntei-lhes como estava o avô. Temia o pior. "Está num lar", responde o mais velho. "Ides visitá-lo muitas vezes?" "Fomos lá uma vez." "Mas ele gosta muito de vós, deve sentir saudades." "Também temos muitas saudades, mas os nossos pais não têm tempo..."

"Meninos! O que é que vos disse? Não se fala com estranhos. Vamos!" Repreendeu a mulher com maus modos, ao mesmo tempo que me lançava um olhar de recriminação, ciosa da sua função.



DIREITOS E DEVERES

Liberdade de expressão em Portugal – moderação – discurso político

1. A liberdade de expressão é um dos pilares fundamentais de qualquer Estado democrático. Em Portugal esse direito está consagrado na Constituição Portuguesa (Vide art.º 37º da CRP) –Lei fundamental e suprema de Portugal, que define o regime democrático, estabelece a organização política e os direitos e deveres dos cidadãos – permitindo que todos os cidadãos expressem livremente as suas opiniões, ideias e convicções.
Mas, esse direito não é absoluto: O seu exercício deve respeitar os direitos fundamentais, como a dignidade da pessoa humana, a igualdade e a proteção contra a discriminação.
Neste âmbito, surgem questões relacionadas com o discurso de ódio, a moderação de conteúdos e o discurso político, temas cada vez mais relevantes na era digital.
2. O discurso de ódio corresponde a manifestações que promovam, incentivem ou justifiquem a discriminação, a hostilidade ou a violência contra pessoas ou grupos com base em características como a origem étnica, nacionalidade, religião, orientação sexual, identidade de género ou outras condições protegidas por lei em Portugal, o Código Penal prevê o crime de incitamento ao ódio, à discriminação ou à violência (art.º 240º CP), quando estejam reunidos os requisitos legais. Assim, nem toda a opinião ofensiva constitui crime. A lei procura distinguir entre opiniões, ainda que controversas, e discursos que representam uma ameaça concreta aos direitos e segurança de outras pessoas.
3. Com o crescimento das redes sociais, a moderação de conteúdos tornou-se um desafio para plataformas digitais, governos e utilizadores. A moderação consiste na remoção, limitação ou sinalização de conteúdos considerados ilegais ou contrários às regras das plataformas, sendo esta necessária para combater a desinformação, o discurso de ódio e o assédio online, protegendo os utilizadores mais vulneráveis.
4. O discurso político tem papel central na democracia portuguesa, permitindo o confronto de ideias, programas e projetos para o país. Nos últimos anos, as redes sociais alteraram profundamente a forma como o discurso político é difundido. Estas plataformas permitem uma comunicação mais direta entre políticos e cidadãos, mas também favorecem a rápida propagação de desinformação, notícias falsas e mensagens polarizadoras.
5. A liberdade de expressão é indispensável para o funcionamento da democracia portuguesa, permitindo a livre circulação de ideias e a participação cívica. Esse direito implica responsabilidades e encontra limites quando colide com outros direitos fundamentais. O combate ao discurso de ódio, a moderação de conteúdos das plataformas digitais e a qualidade do discurso político representam desafios atuais que exigem um equilíbrio entre liberdade, responsabilidade e respeito pelos valores democráticos. A promoção de um debate público informado, plural e respeitador constitui um dos principais desafios da nossa sociedade portuguesa contemporânea.

Carlos Silva – Advogado

LÍRICAS

MENINOS SONHADORES

Tu que guardas memórias de amor
Nas formas decifradas dos rochedos
Tu que foste infância povoada de enredos
Numa aldeia de meninos sonhadores
Conta-me histórias ricas em segredos
De lutas onde não haja perdedores.

Lugar de espanto e de louvores
Preso na inquietude de meus dedos
Prosegue trilhos inovadores
Foge dos labirínticos penedos
Esquece se perduram velhas dores
E tonta passeia-te de enlevos
Veste-te e põe flores

Que o mais em ti esteja em relevo
Nessa espera pejada de mil cores
Canem e dancem manhã cedo
Alma de gente em seus andores
Até que a noite e seu putedo
Se alinde e meneie sem pudores.



Haja alecrim aos molhos e cantadores
Palmas envergonhadas ou arremedos
Não riam desbravados falsos pregadores
Que em si querem nossos olhos presos
Saltem a terreiro meus senhores
Não fiquem para aí lançando medos

Cansados não esperem ver azedos
Erguendo fogueiras de rosmaninho
Muitos dos que julgam perdedores
Eles já lançam no ar novos odores
Persistem em inovar nestes caminhos,
a nunca ficar sozinhos.

Afonso Dias

Numa certa aldeia chamada Lamosa, o menino, António Anastácio Almeida, contemplava os afazeres do seu irmão mais velho, Dimas, cujo nome ele ainda não conseguia dizer corretamente. Em cada sapato engraxado, reluzia o amor fraterno. "Bina, deixa-me aprender!", balbuciava o pequeno garoto. Dimas, o seu herói "Bina", absorto no seu trabalho, era observado por ele sentado ali por perto.

O seu "Bina" era um sonhador de sonhos grandes que se mudou para o Brasil poucos anos depois em busca de novas oportunidades de trabalho e de vida. Mais tarde, com doze anos e onze meses, o pequeno António foi colocado pelo seu pai em um navio argentino chamado Salta e, após onze dias no mar, chegou ao Rio de Janeiro, no dia 3 de janeiro de 1958, ao encontro do seu irmão, deixando para trás seus pais e amigos.

António nasceu em 19 de janeiro de 1945, ano em que somente dez crianças nasceram em Lamosa. Foram nove meninos e uma menina, os únicos amigos que António deixou para nunca mais encontrar.

Ele foi a primeira criança batizada pelo padre Manuel Vieira, facto contado por sua mãe, e também atuou como ajudante do tal pároco durante os anos em que o pequeno menino viveu em Lamosa.

Seus pais, Alzira da Mota Anastácio e Alfredo de Almeida, continuaram em Portugal por mais alguns anos, vivendo uma vida que, na memória do pequeno António, era de um modo geral boa, mas lembra-se, hoje, claramente, das dificuldades que as mulheres enfrentavam para lavarem as roupas, tendo que caminhar até às frias águas da ribeira. Mais tarde, um tanque grande foi construído, entre a Capela e o Forno Comunitário, para minimizar o trabalho. Lembra-se, também, de não ver o dinheiro circular e ter que ir até à taberna do tio Lúcio trocar um ovo por uma caixa de fósforos para que sua mãe pudesse acender o fogo alenha. Não havia luz, gás e nem água encanada. E para ele, todos os lugares eram exatamente assim, até forçadamente descobrir que o mundo era mais do que ele viu e viveu ali.

Os primeiros anos na nova terra, sem os seus pais, foram dias duros de uma saudade imensa.

Além disso, a alimentação no Brasil, por vezes, causava-lhe alergias e suas expectativas de trabalhar para o exército ou para a GNR, em Portugal, tinham sido destruídas e, por consequência, o sentimento de desapontamento impregnava-lhe a alma.

O menino António foi obrigado a amadurecer cedo para superar os obstáculos impostos pela vida num mundo completamente novo.

Em tempos em que a legislação (Carteira de Menor) permitia que crianças trabalhassem, ele começou a sua labuta em lugares onde, sem uma acomodação decente, lhe era oferecido um sótão onde ele tinha que dormir dentro de um saco de farinha, porque não havia cama para o seu descanso após um dia de trabalho exaustivo.

Após muitos empregos que não o sustentavam adequadamente, foi em busca de uma oportunidade

que viu em um jornal no dia 19 de abril de 1962. Esse dia marcou a sua virada profissional ao conhecer o Sr. Joaquim, um português nascido em Sátão, já bem sucedido no Brasil, pessoa que mais o ajudou a crescer profissionalmente, vendendo-lhe 25% do negócio. A partir daí, António cresceu financeiramente e teve outros empreendimentos.

Anos mais tarde, seus pais, Alfredo e Alzira, mudaram-se para o Brasil, reencontraram os seus dois filhos e conheceram os seus netos. Mais uma nova etapa de vida começou para toda a família.

"Lamosa é um lugar de pessoas trabalhadoras e acolhedoras", diz o António hoje, com seus 80 anos. E acrescenta: "Sinto muito orgulho de ter nascido naquela terra."

Fica claro que, durante os doze anos e onze meses vividos em Portugal, ele aprendeu que o trabalho



dignifica e que o seu sucesso no Brasil, apesar de todas as adversidades, foi fundamentado nos valores que ele aprendeu com a sua família e com o povo de Lamosa.

O António é meu padrinho, irmão do meu pai Dimas, chamado por ele de Bina quando ainda era um menino. Sua história ouvi, e o homenageio, aqui, relatando com todo o carinho, na tentativa de não deixar essa história ser esquecida e de quem sabe, talvez, servir como exemplo de força e superação para outras pessoas.

Meus sinceros agradecimentos à sua esposa, Rosane, que me ajudou muito enviando áudios e manuscritos, fornecendo as informações que eu solicitava.

Vera Lúcia Figueiredo Mota Diniz Costa

VIVÊNCIAS: A União Faz a Força

A população de Lamosa sempre se distinguiu pela solidariedade e trabalhos comunitários que muito beneficiaram a aldeia: veja-se o caso da construção da Igreja, do Lar, as ajuntadas para benefício público, a disponibilidade para apagar incêndios, etc.

O Papa Leão XIV publicou recentemente uma carta encíclica “Magnifica Humanitas” na qual convida todos os homens e mulheres, e, de maneira especial os católicos, a construírem um mundo mais humano e mais solidário, em comunhão uns com os outros, sem esquecermos o ponto de referência mais importante: Deus.

O Papa inicia a Carta dizendo que a humanidade, criada por Deus, encontra-se hoje perante uma escolha decisiva: erguer uma nova torre de Babel ou construir a cidade onde Deus e a humanidade habitam juntos.

Babel é uma obra pensada sem referência a Deus. Em vez da comunhão, causou a “confusão” das línguas e a desunião.

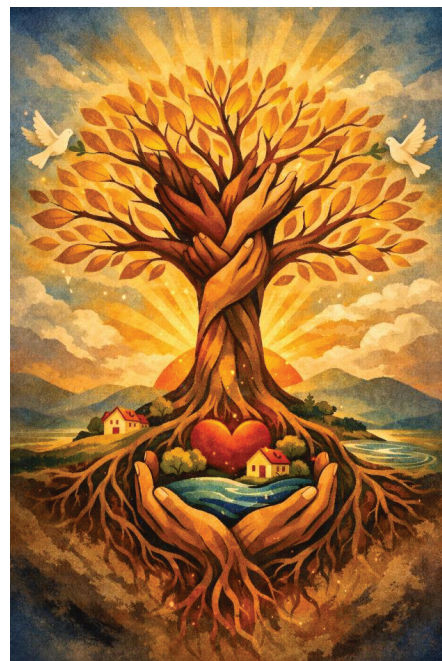
Pelo contrário a reconstrução da cidade de Jerusalém levou à união e ao esforço comum de reconstruir o que tinha disso destruído pelo povo invasor: “Neemias, um judeu ao serviço do rei persa Artaxerxes, recebe a notícia do estado desastroso da cidade dos

seus pais. Antes de agir, jejua, reza e intercede pelo povo; depois, pede ao rei permissão para regressar a Jerusalém e, ao chegar ao destino, examina em silêncio os lugares destruídos.

Não impõe soluções vindas do alto: convoca as famílias, confia a cada uma delas uma parte da muralha para reconstruir, ouve os receios, coordena os esforços, enfrenta as oposições. A cidade renasce não graças à iniciativa de uma única pessoa, mas através da responsabilidade partilhada por todo o povo. É uma obra que tem Deus no centro e que reconstrói as relações antes mesmo das pedras”.

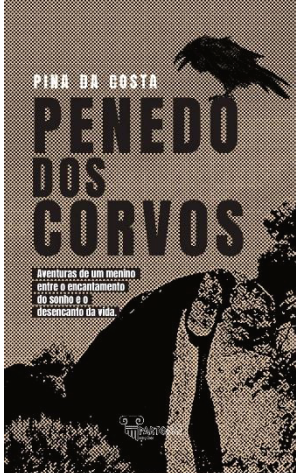
Atualmente estamos a assistir a um mundo devastado por guerras, violências e mortes, em que os mais fortes destroem os mais fracos, os mais ricos querem ficar mais ricos, mesmo à custa dos pobres, e encontramos-nos num mundo cheio de riquezas e potencialidades, mas onde muitos morrem à fome e não conseguem ter uma vida digna.

Não nos deixemos levar por este mundo, mas saibamos manter sempre vivo o nosso espírito de partilha, união e solidariedade.



PUBLICIDADE

Pe. António Aparício

 Lamosa HISTÓRIA DE UMA ALDEIA SERRANA A MAIS COMPLETA HISTÓRIA DE LAMOSA Encomendas: Officesilva1@sapo.pt	 PINA DA COSTA PENEDO DOS CORVOS Aventuras de um menino entre o encantamento do sonho e o desencanto da vida. www.pinacosta-livros.pt	 AS TERRAS DO DEMO NAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE 1758 PINA DA COSTA www.pinacosta-livros.pt	 S2L - SOLUÇÕES INFORMÁTICAS DE GESTÃO Contacto: www.s2l.pt
--	--	--	---